

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

Curso: Mestrado em Ensino na Especialidade de Pré-Escolar e Ensino do
1º ciclo do Ensino Básico

Estudo para o relatório final

**“Ação Educativa e Aspetos de Moralidade: Pré-
escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico”**

Orientador: Dr. José Pedro Fernandes

Discente: Olga Pedro

Beja, 2011

RESUMO

A presente investigação teve como principal objetivo refletir sobre a ação docente, sobre a responsabilidade e sobre as estratégias utilizadas para educar moralmente. Para realizar este estudo foram inquiridos nove professores de 1º ciclo e nove educadores de infância e analisados os resultados dos questionários de forma a comparar as conclusões dos dois níveis de ensino em questão. De um modo geral, os resultados mostraram que tanto os educadores de infância como os professores de 1º ciclo consideram que têm um papel preponderante no desenvolvimento da moralidade/valores morais dos seus alunos e por terem essa consciência realizam diversas atividades em sala de aula que as promovem, para além dos valores que estão implicitamente a ser desenvolvidos quando se regista as presenças, se definem as regras da sala, se regista os comportamentos, entre outros. Concluiu-se que estes inquiridos contemplam nas suas ações educativas atividades de carácter pessoal e social.

Palavras-chave: Moralidade. Valores morais. Ação docente.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	4
1. EPISTEMOLOGIA DA MORALIDADE E DOS VALORES MORAIS	5
1.1. Definição de conceitos	6
1.2. Escola, ação docente e a responsabilidade de educar moralmente	9
1.3. Componentes Curriculares: Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico	12
2. METODOLOGIA	14
2.1. Participantes	14
2.2. Instrumentos e procedimentos	14
3. RESULTADOS.....	16
4. PLANO DE INTERVENÇÃO	21
CONCLUSÕES	27
BIBLIOGRAFIA	30
APÊNDICE.....	32
ANEXOS	42

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho iniciou-se com uma inquietante reflexão sobre o ponto de vista dos professores e educadores de infância em relação ao desenvolvimento moral da criança, à educação para os valores e à forma como realizam a sua prática na promoção destes conceitos.

A partir do momento em que nasce, é com a família e no meio sócio-cultural em que a criança vive que inicia o seu desenvolvimento pessoal e social. Tendo em conta que a educação pré-escolar e o 1º ciclo do Ensino Básico são parte integrante desse meio sócio-cultural e sendo o educador de infância e o professor, também responsáveis pela construção do conhecimento intelectual e desenvolvimento moral, senti necessidade de refletir sobre algumas questões tais como: qual a compreensão dos educadores/professores sobre a sua própria ação para a construção da moralidade?; Que tipo de valores morais são transmitidos pelo educador/professor aos seus alunos?; O educador/professor reconhecem a importância dos valores e da moral na formação de carácter das crianças?; Que tipo de estratégias são utilizadas, pelos educadores e professores, para fomentar questões ligadas à moralidade e ética nas suas práticas educativas?.

Este estudo, tem então como principal objetivo refletir sobre a ação docente, sobre a responsabilidade e sobre as estratégias utilizadas para educar moralmente.

Os objetivos específicos subdividem-se em investigar a perspetiva do educador/professor sobre o processo de construção da moralidade; verificar quais as conceções dos educadores de infância e os professores de 1º ciclo relativamente ao conceito de educação moral e a sua importância na sociedade; e averiguar se existem ou não atividades/situações pensadas e preparadas que levam a essa educação moral.

Acompanhando este estudo, apresenta-se também um pequeno projeto de intervenção que poderá ser aplicado de forma a melhorar as práticas educativas neste sentido do desenvolvimento moral da criança.

Agradeço a disponibilidade de todos os que colaboraram com a realização deste estudo, começando pelo professor orientador e terminando com os docentes de 1º ciclo e pré-escolar que se disponibilizaram para responder ao questionário.

1. EPISTEMOLOGIA DA MORALIDADE E DOS VALORES MORAIS

“É frequente, quase lugar-comum, a ideia de que a sociedade atual atravessa uma generalizada crise. As análises são múltiplas e diversificadas aos processos de transformação que ocorrem a diferentes níveis, como (...) a crise dos valores morais.”¹ Oliveira (2003:11), refere que as preocupações sobre a ausência de referências morais básicas da vida social afetam a educação.

Atualmente, a cultura educacional em que vivemos pode definir-se por características como o desânimo, o negativismo, o pessimismo e a pressão para o sucesso. Para além destas características existem outros fatores como o aumento da competitividade e de um sentido de individualismo, bem como o agravamento de fenómenos como o desemprego, o abuso de substâncias, a violência, as doenças sexualmente transmissíveis, o abandono escolar, que também caracterizam a sociedade atual, e que trouxeram implicações para a forma como atualmente se educam as crianças.²

As manifestações mais visíveis dessa crise de valores são nas condutas de matriz individualista, a não solidariedade, a intolerância e a agressividade. Deste modo, apesar da crise afetar a cultura, em geral, e a instituição educativa e o discurso pedagógico, em particular, considera-se que a educação não pode prescindir dos valores e da formação ética dos alunos (Araújo, 2008: 97)

A educação é caracterizada pela maioria dos alunos como aquilo que é transmitido pelos pais e professores. No entanto, a grande maioria aponta a família como principal agente educativo. Considerando a educação familiar de carácter mais espontâneo, ela é essencial para o desenvolvimento de competências afetivas, igualmente fundamentais para o saudável crescimento das crianças inseridas nas mais diversas comunidades (Gomes 2010: 36).

Araújo (2008: 97) menciona que o processo de aquisição de valores inicia-se muito antes de as crianças irem para a escola. O ambiente cultural da família e que as envolve é a primeira grande influência das atitudes e valores das crianças. Essa

¹ De Oliveira, 2003: 11

² Com base em Marujo & Neto, 2000 citado por Ribeiro 2003: 12

influência completar-se-á, posteriormente, através de outros agentes e neste caso importa referir a escola. Torna-se, então, necessário promover uma verdadeira educação para os valores, de forma a preparar as pessoas para conviverem com contradições do quotidiano, discernindo entre o bem e o mal, o justo e o injusto em defesa do bem comum sem caírem em ceticismos radicais ou em dogmatismos.

1.1. Definição de conceitos

A ética assume “paradoxalmente um centro de interesse em várias áreas de atividade social” por se encontrar subjacente aos “problemas que ameaçam a sobrevivência da vida humana no nosso planeta e o equilíbrio e paz sociais.”

Estrela e tal. (2008: 90) citado por Marques, (2009: 8)

Para uma melhor compreensão e acompanhamento do estudo que se pretende realizar importa clarificar o significado dos conceitos: ética e moral, isto por serem conceitos subjacentes a esse mesmo estudo.

Etimologicamente, ética provém do grego *ethos* e pode ser entendida numa duplo aceção: primeiro como um costume, uso ou forma visível de proceder e em segundo como morada habitual, toca, mantendo, assim, uma vinculação ao indivíduo.³

Em relação à primeira definição entende-se que se refere a modos habituais de procedimentos na relação com o outro, enquanto, a segunda definição, se refere a uma perspetiva mais individualista, considerando o que é específico de cada um, como o seu modo de ser num plano de reflexão sobre o modo de agir em função do bem. Então, é nesta segunda conceção que entram os valores e princípios que conduzem a boa conduta humana.

Moral, etimologicamente tem origem latina, *mores*, que diz respeito aos usos e costumes. A moral refere-se a critérios, valores, regras e prescrições que orientam o agir e a conduta humana.

³ Enciclopédia LOGOS, 1990 (Vol. 2-3)

Pode então dizer-se que ética e moral envolvem princípios e valores, no entanto, considerando a distinção entre elas, acima referida, pode-se afirmar a anterioridade da ética em relação à moral, sendo, a primeira, mais teórica e reflexiva, de carácter geral, abstracto e universalista contraposta ao carácter mais normativo e particularista da segunda, que se reporta à aplicação prática desses valores, variando conforme os contextos sociais e temporais. (Marques, 2009: 6-7)

Lourenço (2002: 36), refere que a moralidade é o respeito por certas normas e princípios sociais, e segundo a perspetiva cognitivo-desenvolvimentalista afirma que, através das relações com os adultos e com os seus pares, a criança forma e constrói noções de bem e de mal, de justo e injusto e de direitos e deveres, tornando-se uma criança moral. Na mesma linha de pensamento, Varma e Williams (1976: 135) afirmam que para Piaget o desenvolvimento moral decorre da interação entre a criança e o meio (social).

Piaget (1973) declara que existe uma moralidade heterónoma, dos 0 aos 8/9 anos e uma moralidade autónoma, a partir dos 10/11 anos, não excluindo a possibilidade de haver elementos que caracterizam a moralidade autónoma na criança globalmente heterónoma, ou o contrário. Estes conceitos, de moralidade heterónoma e de moralidade autónoma, foram utilizados por Piaget (1932/1973) para caracterizar o tipo de moralidade dominante nas crianças entre as idades referidas anteriormente.⁴

A heteronomia traduz-se num determinado ser que é orientado pelas leis de outrem, dependendo de terceiros, opondo-se ao conceito de autonomia que consiste em deter leis próprias.⁵ Segundo Lourenço (1998: 63) entenda-se, então, por moralidade heterónoma uma moral de constrangimento/medo, de obediência à autoridade e respeito unilateral que está associado ao pensamento pré-operatório, e a moralidade autónoma como uma moral de cooperação e respeito mútuo que se associa ao pensamento operatório.

No conceito de Lickona (1976), no que respeita à conceção das regras, e tendo em conta que a moralidade heterónoma está ligada ao pensamento pré-operatório piagetiano, estas são fixas e imutáveis, enquanto, no pensamento operatório piagetiano,

⁴ Lourenço (1998: 63)

⁵ Enciclopédia LOGOS, 1990 (Vol. 1-2)

ligado à autonomia moral a concepção das regras e normas são modificáveis por acordo. No que se refere à diferenciação de perspectivas, na heteronomia moral, existe um egocentrismo e uma centração, enquanto, na autonomia moral existe um perspectivismo e uma descentração. No aspeto da avaliação das transgressões, na heteronomia moral, existe uma responsabilidade objetiva e um realismo moral, enquanto, na autonomia moral a responsabilidade é subjetiva e há uma atenção à intenção. Na questão que se refere ao que é imoral, na heteronomia moral é visto como o que é proibido e que leva ao castigo, enquanto na autonomia moral é tudo o que viola o espírito de cooperação e da igualdade. O castigo para o transgressor, na heteronomia moral, resume-se a sanções expiatórias e arbitrárias e para a autonomia moral são sanções baseadas na reciprocidade. No que respeita à orientação moral, na heteronomia moral, existe uma orientação para o castigo, obediência e respeito unilateral, por outro lado, na autonomia moral, há uma orientação para a cooperação e para o respeito mútuo. Na heteronomia moral, o respeito para o sentido de justiça: distributiva e retributiva é vista com autoridade e medo do castigo, como uma retaliação e justiça permanente, e na autonomia moral é enfrentada com igualdade, cooperação e equidade, como restituição e reciprocidade. Por último, no que se refere à concepção do dever, na heteronomia moral, é algo externo e de obediência à autoridade, enquanto na autonomia moral é algo interno existindo uma preocupação com o bem-estar dos outros.⁶

Para além de Piaget e associado ao mesmo, segundo Lourenço (2002: 96-118), Kohlberg (1984) identificou três níveis de desenvolvimento moral. O primeiro nível é o da *moralidade pré-convencional* que corresponde à moralidade heterónoma de Piaget. Este primeiro nível divide-se em dois estádios: a moral do castigo (orientação para o castigo e para a obediência), e a moral do interesse (orientação calculista, pragmática e individualista). É, então, neste nível de raciocínio moral que a justiça e a moralidade das pessoas se resumem a um conjunto de normas externas a que se obedece para evitar o castigo. O segundo nível, da *moralidade convencional*, tal como o anterior, também se subdivide em dois estádios – a moral do coração (orientação para uma moralidade pessoal e relacional), e a moral da lei (orientação para a manutenção da ordem, consciência e imparcialidade do sistema social) – onde as pessoas já interiorizaram as normas e as expectativas morais havendo conformidade em relação às normas sociais e morais vigentes. Portanto, neste nível, o sujeito já pensa as questões morais de acordo

⁶ Lourenço (1998: 65)

com o que a sociedade aceita e partilha, já procura cumprir os seus deveres e reclamar os seus direitos, respeitando a ordem estabelecida. O último nível, o da *moralidade pós-convencional*, divide-se em dois estádios – a moral do relativismo da lei (orientação para o contracto social, o relativismo da lei e para a universalidade dos princípios), e a moral da razão universal (orientação para os princípios éticos universais, reversíveis, prescritivos e autoescolhidos). Neste nível, o valor moral das ações das pessoas já depende mais da sua conformidade a princípios éticos universais, por exemplo, o direito à vida, à liberdade. As normas já são compreendidas na sua relatividade, salvaguardando o respeito em contextos concretos, pelos princípios éticos morais.

Assim sendo, o nível de desenvolvimento moral não é estável e consistente e, por isso, pode ser estimulado e promovido. O desenvolvimento cognitivo, entendido como o modo como a pessoa sabe e conhece as coisas, e o desenvolvimento interpessoal na medida em que cada pessoa compreende os pontos de vista dos outros quando não estão ligadas a questões normativas ou ao dever ser, são duas dimensões associadas e necessárias ao desenvolvimento moral. Tendo em conta estas dimensões e uma perspectiva construtivista e desenvolvimentalista, a educação moral pretende que “a pessoa venha a ser capaz de pensar em termos de moralidade pós-convencional, na convicção de que uma ação é tanto mais justa quanto mais reversíveis e universalizáveis forem as razões que a enformam, e de agir de acordo com este nível de pensamento moral, na convicção de que apregoar princípios morais elevados que desprezamos na vida do dia-a-dia revela mais de uma mente moralista do que moral” (Lourenço, 2002: 172).

1.2. Escola, ação docente e a responsabilidade de educar moralmente

Nogueira e tal. (1990) citado por Marques (2009: 7) refere que desde a segunda metade do século XX as mudanças das condições de vida, a explosão escolar, os acelerados e inquietantes desenvolvimentos a nível económico, científico e tecnológico, a globalização, entre outros, têm suscitado uma necessidade constante de renovação das finalidades e dos conteúdos da ação educativa, tendo por base a formação adequada do cidadão.

Deste modo e considerando que o ambiente escolar influencia a formação das crianças como sujeitos individuais, como membros de um grupo, que pode favorecer ou inibir o seu desenvolvimento moral e a forma como a criança resolve os seus conflitos interpessoais, as escolas, enquanto espaços educativos, e os professores são fundamentais na formação moral e ética dos seus alunos.⁷

A profissão docente é marcadamente ética pelo facto da função do professor ser intelectual e também moral, por envolver a relação entre professor aluno; por ser uma tentativa de transmitir aos alunos conteúdos importantes para a sua consciencialização; e por implicar a capacidade de analisar situações e usar estratégias apropriadas a essas mesmas situações, incluída pela moral na medida em que esta determina o tipo de influência que o professor deve exercer sobre os alunos.⁸

Sendo assim, Vebber (2009) com base nos estudos de Piaget (1994) e de La Tille (2001a, 2006), refere que as atitudes dos professores na relação com os seus alunos e aquilo que eles lhes ensinam sobre o modo de se relacionar com os outros vão apresentando modelos que podem ser aprendidos pelos alunos, além de regular as suas relações como mais coativas ou cooperativas.

Na conceção de Vinyamata (2005) citado por Leonardi (2008: 15) é através da educação que a sociedade poderá construir instrumentos para compreender os conflitos como parte do desenvolvimento humano, bem como, aprender a solucionar-los de forma não violenta.

As influências e impressões do meio que irão compor os nossos objetivos de vida, são adquiridos na infância. Assim sendo, é desde pequena que a criança aprende como se deve posicionar frente aos conflitos com que se confronta ao longo da vida. Diante disso, a sociedade, vendo o professor e a escola como parte integrante da mesma, será responsável por estabelecer muitos limites que a criança encontrará durante o seu desenvolvimento.

⁷ Com base em pesquisas de Vinha e Assis, 2003 e Pizano, 2005 referenciados por Vebber, 2009: 9

⁸ Com base em Tom citado por Hansen, *In* Richardson, 2001 referenciado por Marques 2009: 10

Leonardi (2008: 21) afirma que é importante desenvolver um trabalho nas instituições escolares que tenha como finalidade promover a construção da autonomia moral dos alunos.

Na mesma linha de pensamento, Araújo (2004: 99) afirma que, a escola deve promover valores inerentes ao ser social no processo educativo, por exemplo, “o respeito por si próprio e pelos outros e a tolerância” que são fundamentais à convivência democrática numa sociedade multicultural. Para ser uma escola que promove os valores não pode ser neutra, deve contribuir para a consciência axiológica dos seus alunos, garantindo a defesa de certos valores em nome da sua evidente mais-valia para a melhoria da vida individual e social, mas não esquecendo que é necessário evitar uma transmissão inculcada e contribuir para a construção da consciência axiológica. Leite (2002:25) citado por Araújo (2004:99) refere que “os valores vivem-se, não se adquirem através de conceitos abstratos”.

A *Convenção sobre os Direitos da Criança* ratificada por Portugal em 1990, reconhece a importância de preparar plenamente a criança para viver uma vida individual na sociedade e ser educada num espírito de paz, dignidade, tolerância, liberdade e solidariedade, a importância das tradições e valores culturais de cada povo para o desenvolvimento harmonioso da criança, e reconhece a vulnerabilidade e dignidade da criança pequena.

Estes aspetos, segundo Craveiro e Ferreira (2007: 15) responsabilizam o educador de infância a assumir, no seu quotidiano profissional, uma prática de proteção à criança, de tratamento especial e de resposta imediata às necessidades que implicam cuidar, tratar e proteger a criança de modo abrangente e efetivo. Não esquecendo que esse conceito de vulnerabilidade da criança obriga a tomar consciência de que a criança depende em muitos aspetos da sua vida dos adultos, desde as suas necessidades básicas, até aquelas que se relacionam com a sua educação e com as oportunidades de acesso a ambientes enriquecedores e estimulantes das competências cognitivas, sociais, emocionais e motoras. Neste sentido, os educadores de infância têm como absoluta prioridade a responsabilidade de criar e proporcionar contextos, atividades e experiências que promovam e orientem o desenvolvimento, a aprendizagem e o crescimento harmonioso da criança (Oliveira-Formosinho, 2001 citado por Craveiro e Ferreira, 2007-15).

Para além disso, cabe ainda aos educadores proporcionar experiências que explorem a prática quotidiana dos diferentes valores, ajudando, por exemplo, as crianças a resolverem e gerirem conflitos, a procurarem nas diferenças do outro as suas riquezas. Desta forma, são salientadas algumas capacidades e atitudes consideradas perduráveis e que o jardim-de-infância tem um papel importante no seu desenvolvimento, tais como, solidariedade, participação ativa, tolerância, comunicação e expressão, realização pessoal, projetos individuais, relação com o ambiente, criatividade, originalidade e inovação (Craveiro e Ferreira, 2007: 17-21).

Veber (2009: 13-14) considera que é necessário que o professor reflita sobre as suas ações, uma vez que, o professor está a formar pessoas em dimensões intelectuais, afetivas e sociais, onde é exatamente aí que a moral se encontra inserida. Para além de ensinar os seus alunos, o professor está na sala para educar, ensinando muito para além do que é exigido pelos conteúdos escolares. A forma como recebe os alunos, a forma como resolve os conflitos, a forma como faz pedidos, entre outros, são tudo aspetos ligados à ética e à moral que são ensinados às crianças.

1.3. Componentes Curriculares: Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

Sendo este trabalho voltado para a área da educação é necessário descrever de que forma os currículos, tanto do pré-escolar como do 1º ciclo do Ensino Básico, que orientam o trabalho desenvolvido pelo educador de infância e pelo professor, olham para os aspetos da formação pessoal que é necessária desenvolver/ter em conta ao longo dos anos de escolaridade referidos.

“É na família e no meio sociocultural em que vive os primeiros anos que a criança inicia o seu desenvolvimento pessoal e social, constituindo a educação pré-escolar um contexto educativo mais alargado que vai permitir à criança interagir com outros adultos e crianças que têm, possivelmente, valores diferentes dos que interiorizou no seu meio de origem.” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 1997: 52)

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) existe a Área de Formação Pessoal e Social que corresponde a um processo que deverá favorecer, de acordo com as fases do desenvolvimento, a aquisição de espírito crítico e a interiorização de valores espirituais, estéticos, morais e cívicos. Para além disso, é considerada uma área transversal, uma vez que, todas as componentes curriculares deverão contribuir para promover nos alunos atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes e solidários, capacitando-os para a resolução dos problemas da vida. Deste modo, a educação pré-escolar é responsável por favorecer a formação da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo livre e solidário. Estas mesmas Orientações Curriculares enfatizam esta área tendo em conta a perspectiva em que o ser humano se constrói em interação social, sendo influenciado e influenciando o meio que o rodeia. É nos contextos sociais em que vive, nas relações e interações com outros, que a criança vai interiormente construindo referências que lhe permitem compreender o que está certo e errado, o que pode e não pode fazer, os direitos e deveres para consigo e para com os outros. Assim, a educação pré-escolar constitui um contexto favorável para que a criança vá aprendendo a tomar consciência de si e do outro, tendo um papel importante na educação para os valores. O educador deverá garantir um ambiente relacional onde a criança é valorizada e escutada contribuindo para o seu bem-estar e autoestima.

O programa do 1º ciclo do Ensino Básico (2004) implica que o desenvolvimento da educação escolar, ao longo das idades abrangidas, constitua uma oportunidade para que os alunos realizem diversas experiências de aprendizagem. Neste caso importa referir as aprendizagens socializadoras que garantem a formação moral e crítica na apropriação dos saberes e no desenvolvimento das conceções científicas. As formas de organização do trabalho escolar contribuem para o exercício das trocas culturais, da circulação partilhada da informação e da criação de hábitos de entreatajuda em todas as atividades educativas. Os métodos e as técnicas a utilizar no processo de aprendizagem não-se, por conseguinte, reproduzir as formas de autonomia e de solidariedade que a educação democrática exige.

2. METODOLOGIA

2.1. Participantes

O número total de participantes foi vinte, sendo dez professores de 1º ciclo e dez educadores de infância. Dos dez professores de 1º ciclo um foi para efeitos de pré-teste e o mesmo se sucedeu com os dez educadores de infância em que um foi para efeitos de pré-teste.

A amostra dos professores de 1º ciclo foi recolhida no distrito de Beja, em que o grau de escolaridade de oito professores de 1º ciclo era licenciatura e um de mestrado. A entidade patronal desta parte da amostra era pública. No que se refere ao ano letivo que estavam a lecionar, dois professores encontravam-se a lecionar o 1º ano, dois professores o 2º ano, três professores o 3º ano e dois professores o 4º ano de escolaridade.

Por outro lado, a amostra referente aos educadores de infância foi constituída por quatro educadores de infância do distrito de Beja e cinco educadores de infância do distrito de Évora. Dos nove educadores de infância participantes seis tinham entidade patronal pública e três IPSS (Instituições Particulares de Solidariedade Social). Tal como na amostra dos professores de 1º ciclo, o grau de escolaridade de oito educadores de infância era licenciatura e um de mestrado.

2.2. Instrumentos e procedimentos

Para a realização desta investigação foi elaborado um questionário sobre “A ação educativa e aspetos de moralidade”. Este questionário era composto por uma parte em que se pretendia recolher dados pessoais para caracterizar a amostra constituída por grau de escolaridade, subdividido em Bacharelato, Licenciatura, Pós-Graduação, Mestrado e Doutoramento; entidade patronal, subdividido em IPSS, Privado e Público; distrito; e turma, subdividido em pré-escolar, 1º ciclo – 1º ano, 1º ciclo – 2º ano, 1º ciclo 3º ano e 1º ciclo – 4º ano.

A segunda parte do questionário era constituída por cinco questões sendo que a primeira se referia à definição de moralidade e de valores morais, e a segunda referia-se

à responsabilidade única da família na orientação dos valores morais. Nesta questão a resposta era sim ou não e no caso de a resposta ser positiva o questionário terminava nesta pergunta. Nos casos em que a resposta era negativa o inquirido seguiria para a questão número três que se referia ao contributo dos valores morais para o bom comportamento em sala de aula e para a formação de carácter da criança/aluno. A quarta questão referia-se à forma como os valores morais são visíveis em sala de aula tendo as seguintes hipóteses: regras, quadro de presenças, quadro de comportamento e outros, onde podiam ser indicados exemplos. A última questão relacionava-se com as atividades realizadas que promovam o desenvolvimento moral/valores morais das crianças. O questionário encontra-se presente em apêndice (A).

Este questionário foi aplicado, inicialmente a um professor de 1º ciclo e a um educador de infância para efeitos de pré-teste. Depois de analisado este pré-teste e se ter verificado que não havia alterações a fazer, o mesmo foi aplicado aos restantes dezoito participantes, nove professores de 1º ciclo e nove educadores de infância. Estes questionários foram realizados independentemente, quer isto dizer que não foram realizados a partir de escolas e por esse motivo, não houve necessidade de pedir autorização às mesmas para a sua distribuição.

Os dados foram analisados inicialmente através do preenchimento de duas tabelas iguais, uma que se refere aos dados recolhidos referentes aos professores de 1º ciclo e a outra referente aos dados recolhidos junto dos educadores de infância. Após esta análise, onde se agrupou as respostas por categorias e por número de perguntas, procedeu-se à comparação dos resultados obtidos nos dois níveis de ensino e feitas as devidas conclusões dos mesmos. Estas duas tabelas de análise de conteúdo encontram-se em apêndice para serem consultadas, a do 1º ciclo no apêndice B e a do pré-escolar no apêndice C.

3. RESULTADOS

Segundo a análise do questionário realizado aos nove professores do 1º ciclo, no que se refere aos conceitos de moralidade e valores morais verificou-se que houve inquiridos que fizeram a diferenciação entre valores morais e moralidade, outros que apenas referiram ou moralidade ou valores morais e outros que não fizeram a distinção dos conceitos.

Deste modo, 22,(2)% referiu que a moralidade é uma atitude filosófica e ética, para 11,(1)% são valores pré-estabelecidos pela sociedade, 11,(1)% referiu que é um conjunto de conceitos, outros 11,(1)% definiu moralidade como regras e preceitos que induzem a conduta da sociedade, como a prática dos valores morais, e ainda houve 11,(1)% que definiu moralidade como um conjunto de valores e de regras éticas e morais que regem os comportamentos humanos. No que respeita aos valores morais 44,(4)% referiu que são orientações que comandam a vida de uma pessoa e da sociedade, 11,(1)% define-os como uma base da humanidade e do altruísmo e a mesma percentagem refere que são regras e princípios morais que regem os comportamentos sociais. Apenas 11,(1)% não distinguiu estes dois conceitos, respondeu apenas que são um conjunto de princípios que orientam e estão subjacentes à conduta da pessoa e que constituem os fundamentos de uma humanidade plena. É possível então concluir que tanto a moralidade como os valores morais, são considerados pelos professores de 1º ciclo como conceitos ligados à sociedade e que de algum modo interfere com a mesma.

No que se refere à orientação dos valores morais, 100% da amostra afirmou que essa orientação não é apenas responsabilidade da família. Com este resultado é possível concluir que a amostra dos professores de 1º ciclo considera que para além da família, também eles têm a responsabilidade de educar para os valores ao longo da sua prática educativa.

A terceira questão referia-se aos contributos dos valores morais para o bom comportamento em sala de aula e para a formação de carácter da criança/aluno onde se verificou que 100% dos inquiridos respondeu que os valores morais têm um contributo positivo no bom comportamento em sala de aula e na formação de carácter dos alunos. Na forma como isso se verifica a maioria da amostra respondeu que os valores morais orientam os comportamentos em grupo/sociedade e apenas 33,(3)% afirmam que os

valores contribuem para a formação da personalidade. Quer isto dizer que, ao se promover os valores morais em sala de aula, poderá verificar-se uma melhoria nos comportamentos dos alunos, na organização do ambiente educativo que facilitará a realização de atividades e as próprias aprendizagens que cada aluno vai realizando.

No que respeita à presença de valores morais em sala de aula, verificou-se que todos os professores de 1º ciclo inquiridos afirmam ter presente na sala de aula valores morais. Na forma de regras verificou-se uma percentagem de 88,(8)%, na forma de quadro de presenças verificou-se uma percentagem de 44,(4)%, na forma de quadro de comportamento verificou-se um registo de 77,(7)% e uma percentagem de 88,(8)% ainda referiu outros como por exemplo, diário de turma com um registo percentual de 37,5%, respeito pelo tempo dos colegas com a mesma percentagem do anterior, aula de formação cívica com uma percentagem de 25%, ajuda mútua com a mesma percentagem do diário de turma e conversas sobre comportamentos/conflitos com uma percentagem de 62,5% superior às outras. Verifica-se então que os professores de 1º ciclo, no momento de organização do ambiente educativo têm o cuidado de promover os valores morais, e estão apresentados anteriormente alguns exemplos disso.

Referente à realização de atividades que promovam o desenvolvimento moral/valores morais, 100% dos inquiridos afirmou realizar tais atividades. Dos exemplos dessas atividades resultou a análise/avaliação de comportamentos em situações problemáticas com uma percentagem de 22,(2)%, a aprendizagem de canções com 11,(1)%, a exploração de histórias/textos com a percentagem mais elevada (55,(5)%), a realização de jogos com um registo de 22,(2)%, a partilha de saberes com a mesma percentagem do anterior, e projetos de estudo sobre valores morais, dia dos amigos e dia do aperto de mão, os três com 11,(1)%. Com estes resultados podemos concluir que os professores têm tendência a realizar atividades diversificadas que também promovem o desenvolvimento moral, mas é ainda de referir que essas atividades estão centradas na sala e no grupo de crianças. Tendo em conta que os professores consideram que os valores morais são parte da sociedade, pergunto-me então se não seria de promover o seu desenvolvimento englobando o meio envolvente e deixando um pouco as atividades realizadas de forma isolada em sala de aula?

Da análise de conteúdo realizada aos questionários entregues aos educadores de infância e que se encontra no apêndice C, na primeira questão verificou-se que, em

contra partida aos resultados obtidos dos professores de 1º ciclo inquiridos, os educadores de infância não fazem a distinção entre moralidade e valores morais, sendo que a definição com maior percentagem foi “Conjunto de regras reguladoras do comportamento do indivíduo e de vivência em sociedade e determinante nas relações humanas e numa sociedade mais justa e organizada.” com uma percentagem de 66,(6)%, de seguida, com 22,(2)% aparece a definição “Facilitam o desenvolvimento enquanto pessoa. Fazem parte da nossa personalidade.”, e com uma percentagem de 11,(1)% obtiveram-se as definições: “Valores que alteram com as mudanças da sociedade”; “Relacionam-se com a ética”; e “Diz respeito à educação do ser humano”. Apesar de os educadores de infância não distinguirem estes dois conceitos se analisarmos com atenção, verificamos que os dois grupos inquiridos concordam no aspeto em que moralidade/valores morais são um conjunto de regras/princípios/conceitos que regulam a vida do ser humano e obrigatoriamente a sociedade. Refiro “obrigatoriamente” pois o ser humano é parte integrante da sociedade e se a moralidade/valores morais afetam a vida humana é inevitável ter repercussões na sociedade.

No que se refere à segunda questão do questionário, verificou-se que, tal como os professores de 1º ciclo, os educadores de infância também são da opinião de que as orientações para os valores morais não são apenas da responsabilidade da família. Consideram então que a escola e a família são responsáveis por essa educação para os valores. É fundamental que as crianças/alunos tenham boas referências e que tenham na base da sua educação tanto em casa como nas instituições escolares os valores morais.

Na terceira questão, foi igualmente possível verificar que tanto os professores de 1º ciclo como os educadores de infância que fizeram parte deste estudo concordaram que os valores morais contribuem de forma positiva para o bom comportamento em sala de aula e para a formação de carácter do aluno. Na forma como os valores morais contribuem positivamente a maioria, tanto nos resultados do questionário dirigido aos professores de 1º ciclo como aos educadores de infância, referem, com elevada percentagem, que estes orientam os comportamentos em grupo/sociedade. Para além da orientação dos comportamentos em grupo/sociedade, uma percentagem tanto dos professores de 1º ciclo como os educadores de infância com igual proporção, afirmaram que os valores morais contribuem para a formação da sua personalidade. Apesar destas

duas respostas serem partilhadas tanto pelos professores de 1º ciclo e educadores de infância inquiridos, 44,(4)% dos educadores de infância mencionaram ainda que os valores morais contribuem para a compreensão e identificação do certo e do errado, da qual não se verificaram registos das opiniões dos professores de 1º ciclo. É então necessário promover em sala de aula ambientes que desenvolvam os valores morais pois deste modo promove-se o próprio ambiente educativo que deverá facilitar as aprendizagens dos alunos.

Na quarta questão, tal como na terceira, ambos os grupos responderam, com um total de 100% cada, que os valores morais estão presentes na sala de aula. Na análise aos questionários dos educadores de infância verificou-se que a maioria, tal como, nos questionários dos professores de 1º ciclo têm as regras como representação desses valores morais. Do quadro de presenças, há uma pequena diferença entre as percentagens obtidas dos dois grupos, onde os educadores de infância se destacam com maior percentagem. O quadro de comportamento é mais relevante no 1º ciclo uma vez que se registou uma percentagem de 77,(7)% enquanto nos questionários dos educadores de infância se verificou uma percentagem de apenas 22,(2)%. Tal como, os professores de 1º ciclo, os educadores de infância também referiram que existem outras formas na sua sala de apresentar os valores, para além das que foram propostas e em cima mencionadas. Deste modo, da totalidade dos educadores de infância inquiridos que respondeu “outros”, 33,(3)% referiu o diário de turma, 16,(6)% mencionou o respeito pelo tempo dos colegas, 16,(6)% citou a partilha de materiais, 16,(6)% referiu a ajuda mútua e 16,(6)% mencionou a existência de conversas sobre comportamentos/conflitos. A diferença entre os inquiridos dos professores de 1º ciclo e os educadores de infância, relativamente a este ponto encontra-se no aspeto em que ambos referem os mesmos exemplos sendo que no ponto em que os professores de 1º ciclo referem a aula de formação cívica, os educadores de infância referem a partilha de materiais. Tal como já foi referido aquando da análise dos questionários aos professores de 1º ciclo, os educadores de infância também têm em conta certos quadros que organizam o ambiente educativo e proporcionam o desenvolvimento de alguns valores morais.

Referente à quinta questão, os resultados dos questionários dos educadores de infância são os mesmos que os dos professores de 1º ciclo sendo que a diferença está em alguns dos exemplos. Alguns educadores de infância mencionaram, tal como os

professores de 1º ciclo, a análise/avaliação de comportamentos e situações problemáticas, tendo-se verificado uma maior percentagem nos questionários dos educadores de infância, com a percentagem maior de todos os exemplos apresentados por este grupo de inquiridos. No que se refere à aprendizagem de canções só houve registos no 1º ciclo. A exploração de histórias, a partilha de saberes e os projetos de estudo sobre os valores morais foram mencionados por ambos os grupos de inquiridos. O exemplo de exploração de imagens com ações corretas/incorrectas foi mencionada apenas nos questionários dos educadores de infância com uma pequena percentagem de 11,(1)%. Para além de todos estes exemplos, os professores de 1º ciclo especificaram ainda as atividades, o dia dos amigos e o dia do aperto de mão com uma percentagem de 11,(1)% ambas. A pergunta que referi na análise dos questionários dos professores de 1º ciclo englobará sem dúvida os educadores de infância.

4. PLANO DE INTERVENÇÃO

Como foi possível verificar, tanto os professores de 1º ciclo como os educadores de infância da amostra, apresentaram alguns exemplos de atividades que os mesmos desenvolvem em sala de aula com o objetivo de promover a moralidade/valores morais. E isso significa que os mesmos acham importante o desenvolvimento de atividades neste âmbito, pois de outro modo não faria sentido que as incluíssem na sua ação educativa.

Para melhorar este estudo proponho um projeto com algumas atividades que poderá ser uma mais-valia na promoção do desenvolvimento moral tanto no jardim-de-infância como no 1º ciclo.

O projeto é direcionado para o pré-escolar e 1º ciclo, com uma turma de 20 alunos com idades compreendidas entre 5 e 8 anos. Este projeto é composto por duas partes a parte I será trabalhada ao longo de 14 dias, uma vez por semana, à quarta-feira de tarde. Cada um destes momentos será dedicado à realização de atividades que permitam os alunos refletir sobre os valores morais: responsabilidade, amizade, respeito e generosidade. A parte II iniciar-se-á duas semanas antes da parte I e terminará uma semana depois da parte I.

Título do projeto: “Os Valores: Responsabilidade, Amizade, Respeito e Generosidade”

Objetivos do projeto: Desenvolver a moralidade dos alunos; Sensibilizar os alunos para questões de responsabilidade, amizade, respeito e generosidade; Identificar aspectos ligados a cada um dos valores: responsabilidade, amizade, respeito e generosidade; e Saber atribuir valor a comportamentos e atitudes seus e dos outros, conhecendo, reconhecendo e diferenciando modos de interagir.

Materiais necessários: Cartões com imagens de profissões; Histórias “Bons amigos” e “A ovelha generosa” de António Torrado; caixa de papelão; lápis de cor; folhas brancas; canetas de filtro; papel celofane; tintas; papel crepe; papel cenário; plasticina; computador; máquina fotográfica.

Parte I

No primeiro dia o professor/educador apresenta alguns cartões com imagens de profissões. Estes cartões são apresentados um a um e à medida que os alunos vão observando vão identificando as profissões representadas nessas mesmas imagens.

No segundo dia os alunos vão visitar um local de trabalho: médico. Neste local de trabalho será explicado aos alunos as funções e as responsabilidades de um médico. Quando os alunos regressão à escola o professor/educador desenvolverá um diálogo de forma a sistematizar a visita insistindo na responsabilidade das pessoas que escolhem essa profissão. Este diálogo poderá ainda ser completado com uma reflexão sobre a responsabilidade de outras profissões que os alunos dêem como exemplo. Depois disso, os alunos são convidados a refletir sobre a sua responsabilidade enquanto aluno e enquanto colega. Terminada esta atividade os alunos são convidados a levar para a escola uma planta pequena com o seu nome.

No terceiro dia as plantas que os alunos levaram para a escola serão distribuídas aleatoriamente pelos alunos e a partir desse dia esses alunos têm a responsabilidade de cuidar da planta do colega.

No quarto dia inicia-se o valor da amizade. O valor amizade vem no seguimento da atividade anterior da planta, pois os alunos ao cuidarem da planta do colega estão em simultâneo a promover o respeito e a própria amizade que sentem uns pelos outros, isto é, a forma como os alunos cuidam a planta dos colegas é a forma como poderia cuidar uns dos outros. Ao iniciar então o valor da amizade o educador/professor começa por ler a história “Bons Amigos” de António Torrado que se encontra em anexo. A exploração da história é feita partindo do reconto que os alunos farão da mesma focando as partes mais importantes, isto é, que podemos fazer partidas aos nossos amigos mas respeitando-os sempre. Seguidamente os alunos são convidados a escolher uma das personagens da história: o macaco ou o coelho e a escreverem, no caso do 1º ciclo, ou a dizerem, no caso do pré-escolar, o que teriam feito no lugar dessa personagem, como teriam reagido às coisas que a outra personagem fez e se acharam que a atitude dessa personagem da história foi respeitadora em relação às outras. Depois disso, o professor/educador ajuda os alunos a refletir sobre a relação que a sua responsabilidade

com a planta que eles tomam conta pode ter em relação à amizade e ao respeito pelos colegas.

No quinto dia, que será num momento de conselho de turma, onde é habitual discutir-se e refletir-se sobre acontecimentos da semana, o professor/educador, partindo de um conflito, chama a atenção para o dever que temos de respeito para com os colegas. É então elaborada uma lista de palavras/frases que são sinónimo de respeito por exemplo: ouvir o meu colega, ouvir o professor, falar na minha vez, cuidar dos materiais da sala, cuidar dos objetos dos meus colegas. É também importante refletir sobre o respeito pelas características físicas e psicológicas de cada um e como as podemos respeitar. Para isso, e após a elaboração da lista, os alunos sentam-se em círculo e num primeiro momento olham uns para os outros e identificam as semelhanças e diferenças entre cada um. O professor/educador deverá conduzir o diálogo para que os alunos compreendam que apesar de uns terem cabelo encaracolado e outros cabelos lisos, uns terem olhos azuis e outros terem olhos castanhos, uns terem as mãos pequenas e outros, as mãos grandes, que isso não faz com que sejamos diferentes, mas sim especiais.

No sexto dia, uma vez que, a responsabilidade, a amizade e o respeito podem convergir na direção do valor generosidade, onde os alunos são responsáveis por tornar a sociedade um pouco melhor, por exemplo através de um gesto de generosidade para com alguém. Partindo do título “A ovelha generosa” da história de António Torrado (ver em anexo), os alunos tentarão descobrir o conteúdo dessa história tentando explicar o que acham que é a generosidade. Depois o professor/educador lê a história e confrontam-se as opiniões que os alunos formularam a partir do título com o conteúdo da história. No mesmo contexto o professor/educador alerta os alunos para o fato de as amizades que mantemos uns com os outros também devem ser generosas, quando por exemplo emprestamos as nossas coisas. Poderá referir ainda que o respeito também pode estar ligado à generosidade na medida em que por exemplo damos um presente a um amigo e o dever que temos de respeitar os seus gostos. Após refletir um pouco sobre a forma como os outros valores se podem relacionar com a generosidade o professor convida os alunos a realizarem uma espécie de campanha de recolha de alimentos para depois entregar a uma família desfavorecida.

No sétimo dia os alunos constroem um cabaz com caixa de papelão e com decorações alusivas aos valores estudados (por exemplo desenhos), colocam os alimentos recolhidos dentro do mesmo e vão entregar à família desfavorecida.

No oitavo dia divide-se a turma em quatro grupos de cinco elementos e cada grupo terá de construir uma história com personagens partindo das vivências e experiências que foram realizando ao longo deste projeto para depois construírem um stopmotion da mesma.

No nono dia, cada grupo construirá as personagens da sua história e o cenário da mesma.

No décimo dia uns grupos gravam as vozes da sua história e outros tiram fotografias.

No décimo primeiro dia os grupos que gravaram as vozes da sua história no nono dia vão tirar fotografias e os que tiraram fotografias vão gravar as vozes.

No décimo segundo dia, no caso do 1º ciclo, os grupos levam para a escola o seu computador “Magalhães” e vão construir o stopmotion a partir do programa movie maker sempre com a orientação do professor. No caso dos alunos de pré-escolar este trabalho deverá ser realizado pelo educador de infância.

No décimo terceiro dia, os alunos irão apresentar as suas histórias a outra sala do agrupamento e explicar que estas surgiram a partir do projeto “Os valores”, exemplificando algumas atividades que foram desenvolvidas ao longo do mesmo.

No décimo quarto dia, e uma vez que o projeto se encontra finalizado os alunos realizam uma pequena reflexão sobre o mesmo. No caso dos alunos de 1º ciclo, o professor entregar-lhes-á uma pequena grelha com questões (ver grelha em apêndice) que permitem avaliar esse mesmo projeto. Com os alunos de pré-escolar a avaliação é feita oralmente, onde o educador lança as mesmas questões que as do questionário do 1º ciclo.

Parte II

“Vamos conhecer outra cultura, hábitos e costumes”

Para além das atividades que se desenvolveriam com o objetivo de trabalhar cada um dos valores especificamente, proponho uma outra atividade mais abrangente e que irá para além do trabalho desenvolvido em sala de sala.

Essa outra atividade pretende englobar os valores acima referidos. Deste modo, a proposta consiste em realizar um intercâmbio com uma outra escola, sugiro que seja de um continente diferente mas onde se fale a mesma língua (por exemplo Brasil).

O primeiro passo seria do professor/educador em procurar uma escola com as condições referidas acima, e travar uma primeira correspondência onde proporia a realização de um intercâmbio com o principal objetivo: desenvolver atividades que promovam os valores morais, principalmente, a responsabilidade, amizade, respeito e generosidade.

Depois de ser encontrada essa instituição de ensino que esteja disposta a cooperar, o professor/educador lança a proposta à sua turma, comunicando aos alunos que seria importante realizar algumas atividades em parceria com uma escola de outro continente onde existiria partilha de experiências vivenciadas.

Após a aprovação dos alunos iniciar-se-ia o intercâmbio com o envio de uma carta de apresentação (o envio da carta seria duas semanas antes do início das atividades propostas na parte I do plano de intervenção). Neste momento, os alunos/crianças em conjunto com o professor/educador escreveriam uma carta de apresentação onde anexariam as suas fotografias e um mapa do mundo com a localização do nosso país assinalada.

Na semana seguinte, ou seja, uma semana antes do início das atividades da parte I, após a receção da carta de apresentação da outra instituição, os alunos de ambas as turmas seriam convidados a formar pares. Estes pares seriam formados por um elemento de cada uma das turmas, com o objetivo destes pares se comunicarem via internet ou

por carta mensalmente partilhando as atividades que realizam na sua sala, aspetos do seu dia-a-dia e que caracterizem a cultura de cada um. Poderia ainda existir oportunidade dos pares realizarem trabalhos conjuntos sobre temas à sua escolha.

Por decisão dos professores titulares das turmas, este intercâmbio terminaria com a realização de uma reflexão sobre todos os acontecimentos envolvidos no mesmo. Esta reflexão aconteceria na semana que se segue à reflexão da parte I.

Segundo o estudo realizado, as atividades de promoção dos valores morais estão muito centradas dentro da sala de aula e esta seria uma forma diferente de promover a realização de laços de amizade, desenvolver a responsabilidade através da partilha de vivências e em cuidar dessa amizade, desenvolver o respeito pela cultura, hábitos e costumes de cada um, e desenvolver ainda aspetos de generosidade a partir do tempo despendido/dedicado entre os pares na partilha de conhecimentos, informação e experiências vivenciadas.

CONCLUSÕES

Antes de passar às conclusões e às implicações deste estudo, interessa mencionar algumas das suas limitações. Por exemplo, as conclusões deste estudo não poderão ser generalizadas pois a amostra recolhida não foi suficientemente ampla para o permitir. Contudo, quanto ao meu primeiro objetivo (i.e. investigar a perspetiva do educador/professor sobre o processo de construção da moralidade) concluo que esta amostra está consciente para o facto, de apesar não ser o principal responsável, tem um papel fundamental no processo de construção da moralidade do aluno/criança pelo qual é incumbido de instruir e mostra um papel ativo na sua promoção da moralidade/valores morais. Araújo (2008: 97) menciona que o processo de aquisição de valores inicia-se muito antes de as crianças irem para a escola. O ambiente cultural da família e que as envolve é a primeira grande influência das atitudes e valores das crianças. Essa influência completar-se-á, posteriormente, através de outros agentes e neste caso importa referir a escola. Torna-se, então, necessário promover uma verdadeira educação para os valores, de forma a preparar as pessoas para conviverem com contradições do quotidiano, discernindo entre o bem e o mal, o justo e o injusto em defesa do bem comum sem caírem em ceticismos radicais ou em dogmatismos.

Em termos do segundo objetivo (i.e. verificar quais as conceções dos educadores de infância e os professores de 1º ciclo relativamente ao conceito de educação moral e a sua importância na sociedade) concluo que tanto os professores de 1º ciclo como os educadores de infância inquiridos consideram, de um modo geral, que a educação moral é preponderante na sociedade na medida em que são um conjunto de regras/princípios/conceitos que regulam a vida em particular de cada um e a sociedade em geral. Esta conclusão vai de encontro à conceção de Vinyamata (2005) citado por Leonardi (2008: 15) onde se considera que é através da educação que a sociedade poderá construir instrumentos para compreender os conflitos como parte do desenvolvimento humano, bem como, aprender a solucionar-los de forma não violenta.

No que se refere ao terceiro e último objetivo (i.e. averiguar se existem ou não atividades/situações pensadas e preparadas que levam a essa educação moral) verifico que tanto os educadores de infância como os professores de 1º ciclo, que constituem a amostra, incluem, na sua ação educativa, atividades que promovem a moralidade/valores morais dos seus alunos. Vebber (2009: 13-14) considera que para

além de ensinar os seus alunos, o professor está na sala para educar, ensinando muito para além do que é exigido pelos conteúdos escolares. A forma como recebe os alunos, a forma como resolve os conflitos, a forma como faz pedidos, entre outros, são tudo aspetos ligados à ética e à moral que são ensinados às crianças.

Em conclusão, importa ainda referir que se por um lado, com este estudo se verificou que nas escolas os professores e educadores de infância valorizam o desenvolvimento desses valores morais através de atividades destinadas a esse efeito, por outro “é frequente, quase lugar-comum, a ideia de que a sociedade atual atravessa uma generalizada crise. As análises são múltiplas e diversificadas aos processos de transformação que ocorrem a diferentes níveis, como (...) a crise dos valores morais.”⁹ Oliveira (2003:11), refere que as preocupações sobre a ausência de referências morais básicas da vida social afetam a educação. Onde as manifestações mais visíveis dessa crise de valores são nas condutas de matriz individualista, a não solidariedade, a intolerância e a agressividade. (Araújo, 2008: 97). Desta forma, em estudos futuros torna-se imperativo refletir sobre as lacunas que possam existir entre o trabalho desenvolvido nas escolas e a crise de valores que se atravessa. Será que o trabalho que se desenvolve em sala de aula não vai de encontro à educação que os pais dão aos seus filhos? Será que existe necessidade de renovar ou repensar a forma como se promove ou desenvolve esses valores?

Não se deverá então esquecer que *"A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe."* (Jean Piaget)

⁹ De Oliveira, 2003: 11

“As crianças Aprendem o que vivem”

Se as crianças vivem com críticas, aprendem a condenar.

Se as crianças vivem com hostilidade, aprendem a ser agressivas.

Se as crianças vivem com medo, aprendem a ser apreensivas.

Se as crianças vivem com pena, aprendem a sentir pena de si próprias.

Se as crianças vivem com o ridículo, aprendem a ser tímidas.

Se as crianças vivem com inveja, aprendem a ser invejosas.

Se as crianças vivem com vergonha, aprendem a sentir-se culpadas.

Se as crianças vivem com encorajamento, aprendem a ser confiantes.

Se as crianças vivem com tolerância, aprendem a ser pacientes.

Se as crianças vivem com elogios, aprendem a apreciar.

Se as crianças vivem com aceitação, aprendem a amar.

Se as crianças vivem com a aprovação, aprendem a gostar de si próprias.

Se as crianças vivem com reconhecimento, aprendem que é bom ter um objectivo.

Se as crianças vivem com honestidade, aprendem a ser verdadeiras.

Se as crianças vivem com justiça, aprendem a ser justas.

Se as crianças vivem com amabilidade e consideração, aprendem o que é o respeito.

Se as crianças vivem com segurança, aprendem a confiar em si próprias e naqueles que as rodeiam.

Se as crianças vivem com amizade, aprendem que o mundo é um lugar bom para viver.

Dorothy Law Nolte (2005)

BIBLIOGRAFIA

AA. VV. (1990). *Enciclopédia Logos*. Lisboa: Verbo.

ARAÚJO, Sónia Almeida. (2008). *Contributos para uma educação para a cidadania: professores e alunos em contexto intercultural*. Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais apresentada à Universidade Aberta, Lisboa.

CRAVEIRO, C. & FERREIRA, I. (2007). A Educação Pré-escolar face aos desafios da sociedade do futuro. *Cadernos de Estudo*, 6, 15-21. Porto: ESE de Paula Frassinetti. Disponível em: <http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/113>

GOMES, A. (2010). *Educar Para os Valores*. Relatório da Prática de Ensino Supervisionada. Lisboa: Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/4114>

LEONARDI, E. (2008). *Resolução dos Conflitos Sócio-morais e suas Implicações na Construção da Autonomia Moral dos Alunos*. Dissertação de mestrado apresentada ao Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, Brasil.

LOURENÇO, Orlando M. (2002). *Psicologia de Desenvolvimento Moral – Teoria, Dados e Implicações*. (3ª ed.). Coimbra: Almedina.

MARQUES, Joana F. (2009). *Uma Experiência de Formação Ética de Educadores de Infância – Estudo de Caso*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Departamento de Educação Básica (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo*. (4ª ed.) Mem Martins.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Departamento de Educação Básica. (2009). *Orientações Curriculares para a Educação Pré – Escolar*. Lisboa: M.E./DEB-NEPE.

NOLTE, Dorothy Law; e HARRIS, Rachel. (2005). *As crianças aprendem o que vivem: como inculcar valores aos seus filhos*. Lisboa: Editora Bizâncio

OLIVEIRA, Manuel Alves. (2003). *O lugar da ética na contemporaneidade: A análise crítica de Victoria Campus* (1ª ed.). Lisboa: Notícias Editora.

RIBEIRO, M. (2003). *Ser Família: Construção, implementação e avaliação de um Programa de Educação Parental*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Braga.

TORRADO, António. (2011). *100 Histórias bem-dispostas*. Alfragide: Edições ASA II.

UNICEF (2004). *A Convenção sobre os Direitos da Criança*. Nova Iorque: Assembleia Geral das Nações Unidas. Disponível em:

http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

VARMA, Ved P. & WILLIAMS, Phillip (Orgs.). (1976). *Piaget, Psicologia e Educação*. São Paulo: Editora Cultrix.

VEBBER, F. (2009). *Acção docente e moralidade: um estudo com educadores porto-alegrenses*. Dissertação de pós-graduação em educação apresentada à faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

APÊNDICE

Apêndice A - Questionário

Escola Superior de Educação de Beja

Mestrado em Ensino na Especialidade de Pré-Escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico

Questionário sobre a forma como os Educadores de Infância e os Professores de 1º Ciclo do Ensino Básico promovem o desenvolvimento moral das crianças ao longo da sua acção educativa.

O presente questionário pretende colaborar com o estudo “Acção Educativa e Aspectos de Moralidade: Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico” que está a ser realizado.

O questionário é confidencial e anónimo. No final do seu preenchimento deverá ser colocado no interior do envelope que lhe foi entregue juntamente com o questionário e deverá ser fechado. O exterior do envelope não deverá apresentar qualquer elemento que permita a sua identificação.

Todos os campos são de **preenchimento obrigatório**.

Agradeço a sua colaboração e disponibilidade para responder a este questionário.

Os quadros abaixo referem-se a dados pessoais, pede-se sinceridade no seu preenchimento, pois são imprescindíveis para uma melhor análise de resultados.

Grau de escolaridade	Bacharelato	
	Licenciatura	
	Pós-Graduação	
	Mestrado	
	Doutoramento	

Entidade Patronal	IPSS	
	Privado	
	Público	

Distrito	
-----------------	--

Turma	
Pré-Escolar	
1º Ciclo – 1º ano	
1º Ciclo – 2º ano	
1º Ciclo – 3º ano	
1º Ciclo – 4º ano	

Para melhor responder ao seguinte questionário, considere os princípios orientadores da sua prática profissional, em contexto de sala.

Este questionário é composto por um conjunto de perguntas, às quais pedimos que responda espontaneamente, sem pensar/ponderar muito em cada uma delas, pois o que interessa é o que habitualmente sente e pensa acerca das mesmas.

Não se trata de um teste, logo não há respostas correctas e erradas. O que conta é a sua opinião sincera.

Por favor, leia e responda a cada uma das questões.

1. O que entende por moralidade e por valores morais?

2. Em sua opinião, a orientação dos valores morais é apenas da responsabilidade da família?

<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/>
------------------------------	--------------------------	------------------------------	--------------------------

Se respondeu “Sim” o questionário termina. Se respondeu “Não”, por favor, avance para a pergunta seguinte.

3. Em sua opinião, entende que os valores morais contribuem de forma positiva para o bom comportamento em sala de aula e para a formação do carácter da criança/aluno?
De que forma?

4. Os valores morais são visíveis na sua sala de aula?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

4.1 De que forma?

Regras	<input type="checkbox"/>
Quadro de presenças	<input type="checkbox"/>
Quadro de comportamento	<input type="checkbox"/>
Outros	<input type="checkbox"/>

Se assinalou “outros”, por favor, a seguir, indique quais.

Outros: _____

5. Realiza actividades que promovam o desenvolvimento moral/valores morais das crianças?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	--------------------------

5.1. Se respondeu “sim”, por favor, exemplifique.

Muito obrigado pela sua cooperação.

Apêndice B – Análise de Conteúdo do questionário do 1º ciclo

Número da Pergunta	Categoria	Unidades de Registro	Unidade de enumeração	Porcentagem	
1	Moralidade	É uma atitude filosófica e ética.	2	22,(2)%	
		Valores pré-estabelecidos pela sociedade.	1	11,(1)%	
		Conjunto de conceitos.	1	11,(1)%	
		Regras e preceitos que induzem a conduta da sociedade. Prática dos valores morais.	1	11,(1)%	
		Conjunto de valores e de regras éticas e morais que regem os comportamentos humanos.	1	11,(1)%	
		Valores Morais	São orientações que comandam a vida de uma pessoa e da sociedade.	4	44,(4)%
2	Moralidade/Valores Morais	Base da humanidade e do altruísmo.	1	11,(1)%	
		Regras e princípios morais que regem os comportamentos sociais.	1	11,(1)%	
		Conjunto de princípios que orientam e estão subjacentes à conduta da pessoa e que constituem os fundamentos de uma humanidade plena.	1	11,(1)%	
		Orientação dos Valores morais	Apenas da responsabilidade da família	0	0%
			Não é apenas da responsabilidade da família	9	100%
		Contributo dos Valores morais na criança/aluno	Contributo positivo dos valores morais para o bom comportamento em sala de aula e para a formação de carácter da criança/aluno.	9	100%
3	De que forma	Os valores morais não têm qualquer tipo de contributo para o bom comportamento em sala de aula e para a formação de carácter da criança/aluno.	0	0%	
		Orientam os comportamentos em grupo/sociedade	8	88,(8)%	
		Contribuem para a formação da sua personalidade (autonomia, valorização pessoal)	3	33,(3)%	
		Valores morais na sala de aula	Sim	9	100%
			Não	0	
		4.1.	De que forma	Regras	8
4	Valores morais na sala de aula	Quadro de presenças	4	44,(4)%	
		Quadro de comportamento	7	77,(7)%	
		Outros	8	88,(8)%	

		Outros: Diário de Turma	3		37,5%
		Outros: Respeito pelo tempo dos colegas	3		37,5%
		Outros: Aula de formação cívica	2		25%
		Outros: Ajuda mútua	3		37,5%
		Outros: Conversas sobre comportamentos/conflitos	5		62,5%
5.	Actividade	Realização de actividades que promovem o desenvolvimento moral/valores morais.	9		100%
		Não se realizam actividades que promovem o desenvolvimento moral/valores morais.	0		
5.1.	Exemplo de actividades	Análise/avaliação de comportamentos e situações problemáticas	2		22,(2)%
		Aprendizagem de canções	1		11,(1)%
		Exploração de histórias/textos	5		55,(5)%
		Realização de jogos	2		22,(2)%
		Partilha de saberes	2		22,(2)%
		Projectos de estudo sobre valores morais	1		11,(1)%
		Dia dos amigos	1		11,(1)%
		Dia do aperto de mão	1		11,(1)%

Apêndice C – Análise de conteúdo do questionário do Pré-Escolar

Número da Pergunta	Categoria	Unidade de Registro	Unidade de enumeração	Porcentagem
1	Moralidade/ Valores Morais	Conjunto de regras reguladoras do comportamento do indivíduo e de vivência em sociedade e determinante nas relações humanas e numa sociedade mais justa e organizada.	6	66,(6)%
		Valores que se alteram com as mudanças da sociedade.	1	11,(1)%
		Relacionam-se com a ética.	1	11,(1)%
		Diz respeito à educação do ser humano.	1	11,(1)%
		Facilitam o desenvolvimento enquanto pessoa. Fazem parte da nossa personalidade.	2	22,(2)%
2	Orientação dos Valores morais	São sentimentos.	1	11,(1)%
		Apenas da responsabilidade da família Não é apenas da responsabilidade da família	0	0%
3	Contributo dos Valores morais na criança/aluno	Contributo positivo dos valores morais para o bom comportamento em sala de aula e para a formação de carácter da criança/aluno.	9	100%
		Os valores morais não têm qualquer tipo de contributo para o bom comportamento em sala de aula e para a formação de carácter da criança/aluno.	0	0%
		Contribuem para a compreensão e identificação do certo e errado	4	44,(4)%
		Orientam os comportamentos em grupo/sociedade	9	100%
		Contribuem para a formação da sua personalidade (autonomia, valorização pessoal)	3	33,(3)%
4	Valores morais na sala de aula	Sim	9	100%
		Não	0	

4.1.	De que forma	Regras	9	100%
		Quadro de presenças	5	55,(5)%
		Quadro de comportamento	2	22,(2)%
		Outros	6	66,(6)%
		Outros: Diário de Turma	2	33,(3)%
		Outros: Respeito pelo tempo dos colegas	1	16,(6)%
		Outros: Partilha de materiais	1	16,(6)%
		Outros: Ajuda mútua	1	16,(6)%
		Outros: Conversas sobre comportamentos/conflitos	1	16,(6)%
		Realização de actividades que promovem o desenvolvimento moral/valores morais.	9	100%
5.	Actividades	Não se realizam actividades que promovem o desenvolvimento moral/valores morais.	0	0%
5.1.	Exemplo de actividades	Análise/avaliação de comportamentos e situações problemáticas	7	77,(7)%
		Exploração de imagens com acções correctas/incorrectas	1	11,(1)%
		Exploração de histórias	5	55,(5)%
		Realização de jogos	1	11,(1)%
		Partilha de saberes	1	11,(1)%
		Projectos de estudo sobre valores morais	2	22,(2)%

Apêndice D - Avaliação do Projeto: “Os Valores: Responsabilidade, Amizade, Respeito e Generosidade”

Preenche a tabela respondendo à questões.

O que mais gostei de fazer/aprender com o este projeto?
O que gostava de ter mudado no projeto?
Que outras atividade gostaria de ter feito que não fiz?

ANEXOS

Anexo A – História “A Ovelha generosa”

Era uma ovelha muito generosa. Sabem o que é generoso? É gostar de dar, dar por prazer.

Pois esta ovelha era mesmo muito generosa. Dava lã.

Dava lã, quando lhe pediam.

Vinha uma velhinha e pedia-lhe um xailinho de lã para o inverno. A ovelha dava.

Vinha uma menina e pedia-lhe um carapuço de lã para ir para a escola. A ovelha dava.

Vinha um rapaz e pedia-lhe um cachecol de lã para ir à bola. A ovelha dava.

Vinha uma senhora e pedia-lhe umas meias de lã para trazer por casa. A ovelha dava.

- Ó ovelha, não achas de mais? Xailes, carapuços, cachecóis, meias...É só dar, dar...

- Não se ralem – respondia a ovelha. – Vocês não aprenderam na escola que a vaca dá leite e a ovelha dá lã? É o que eu estou a fazer.

Apareceu a Dona Carlota, afadigada:

- Eu só queria um novelozinho para fazer um saco para a botija. Ainda chega?

Pois claro que chegava. A ovelha a dar nunca se cansava.

Veio a Dona Firmina, muito preocupada:

- Eu só queria um novelozinho para uma pega para a cozinha. Ainda chega?

Pois claro que chegava. A ovelha a dar nunca se cansava.

Veio a Dona Alda, muito atarantada:

- Eu só queria um novelozinho para acabar uma manta. Ainda chega?

Pois claro que chegava. A ovelha a dar nunca se cansa.

E eram coletes, camisolas, golas, golinhas, luvas...que a gente até estranhava que a lã se lhe não acabasse. A ovelha sorria e tranquilizava:

- Não acaba. Nunca acaba. Conhecem aquele ditado: “Quem dá por bem, muito lhe cresce também”? Pois é o que eu faço.

E a ovelha generosa lá foi atender a avó, que precisava de um novelo para um casaquinho de bebé, do seu primeiro neto que estava para nascer...

Anexo B – História: “Bons Amigos”

O coelho e o macaco eram amigos, mas estavam sempre a atazanar-se um ao outro. Sei de outros casos parecidos...

O macaco via o coelho ao longe e começava logo de pirraça:

- Coelho dentado, peludo e orelhudo, focinho focinhudo, corpo barrigudo, pernas de canudo, rabo de veludo!

O coelho respondia-lhe, no mesmo tom:

- Olha o macaco macacão, olhos de sabão, miolos de algodão, cara de espantalho paspalhão.

Continuavam assim, que tempos, até chegarem ao pé um do outro. Depois, riam e davam grandes abraços.

A pregar partidas, o macaco era o mais divertido.

De uma vez que o coelho estava a dormir, muito descansado, o macaco, pendurado de uma árvore, puxou-lhe as orelhas com toda a força. O coelho acordou dorido e num grande sobressalto.

- Ai desculpa – disse o macaco, a fugir. – Andava a caçar borboletas e julguei que as tuas orelhas eram uma borboleta gigante.

De outra vez, estava o coelho a roer um cogumelo e o macaco gritou-lhe, fingindo um grande susto:

- Cuidado, não comas mais que estás a ficar com orelhas azuis! Esse cogumelo há-de ser venenoso.

O coelho ficou apavorado. Foi a correr ao rio. Mirou-se e remirou-se. Quando percebeu que era tudo mentira, desatou a perseguir o macaco, mas onde é que ele já ia!

- Não esperas pela pancada! – ameaçou-o, de longe.

Não esperou mesmo. Numa ocasião em que o macaco estava a dormir num galho, com a comprida cauda dependurada, o coelho munuiu-se de um cacete e zás! Deu-lhe uma pancada com toda a força na cauda desenrolada. A força do coelho não seria muita, mas o macaco, que gostava de exhibir-se em grandes cenas teatrais, deu urros e saltos, como se lhe tivessem arrancado o rabo.

- Porque me fizeste isto, traidor? – gritava o macaco.

- Ai, desculpa – disse o coelho, muito inocente. – Julguei que era uma cobra.

Apesar das peripécias e facécias, o macaco e o coelho continuam a ser bons amigos.